

Dança
25, 26 Fevereiro 2011

Si muero dejad el balcón abierto de Raimund Hoghe

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Conceito e coreografia Raimund Hoghe
Colaboração artística Luca Giacomo Schulte
Cenário e figurinos Raimund Hoghe **Fotografia** Rosa Frank
Luz Raimund Hoghe, Amaury Seval **Som** Bente Lambrecht
Com Ornella Balestra, Marion Ballester, Astrid Bas,
Lorenzo De Brabandere, Emmanuel Eggermont, Raimund Hoghe,
Yutaka Takei, Takashi Ueno, Nabil Yahia-Aïssa
Textos Federico García Lorca, Johann Wolfgang von Goethe,
Hervé Guibert, Marguerite Duras, Heinrich Heine, Matthias Claudius
Música Johann Sebastian Bach, Henry Purcell, Camille Saint-Saëns,
Luigi Boccherini, Charlie Chaplin, cantos tradicionais de Espanha
e Itália, músicas populares
Textos e músicas interpretados por Kathleen Ferrier, Elly Ameling, Peggy Lee,
Klaus Nomi, Michael Jackson, Frank Sinatra, Mina, Violeta Parra,
Judy Garland, Dusty Springfield, Pablo Casals, Andres Segovia,
Marlène Dietrich, Maria Callas, The Doors, Dalida, Serge Reggiani,
Pier Angeli, Gigliola Cinquetti, Anna Magnani, Hervé Guibert,
Elisabeth Flickenschildt, Oskar Werner, Domenico Modugno
e Victoria de los Angeles
Produção executiva Arnaud Antolinos **Responsável pela digressão** Marion Pecnard
Produção Companhia Raimund Hoghe (Düsseldorf-Paris)
Co-produção Festival Montpellier Danse 2010; Les Spectacles vivants –
Centre Pompidou; Festival d'Automne à Paris; Centre chorégraphique
national de Franche-Comté à Belfort no âmbito do acolhimento em estúdio,
Ministère de la Culture et de la Communication / DRAC Franche-Comté
e da convenção CulturesFrance / Conseil Régional de Franche-Comté;
Centre national de Danse contemporaine Angers; Le Vivat,
Scène conventionnée d'Armentières; Tanzhaus NRW; Culturgest
Apoio Kulturstadt der Landeshauptstadt Düsseldorf; La Ménagerie de Verre
(Paris) no âmbito do Studiolab
Em associação com o Land da Renânia do Norte-Vestefália
Estreado em 30 de Junho de 2010, no Festival Montpellier Danse 2010,
com o título *Si je meurs laissez le balcon ouvert*

Sex 25, Sáb 26 de Fevereiro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 3h00 com intervalo · M12



© Rosa Frank

Despedida

*Si muero,
dejad el balcón abierto.*

*El niño come naranjas.
(Desde mi balcón lo veo.)*

*El segador siega el trigo.
(Desde mi balcón lo siento.)*

*¡Si muero,
dejad el balcón abierto!*

Federico García Lorca

Porque escolheu para título desta sua criação, prevista como uma homenagem a Dominique Bagouet*, o primeiro verso de um poema de Federico García Lorca?

Conheço este poema há muito tempo, e veio-me à memória no Verão passado, aquando das mortes de Pina Bausch e Merce Cunningham. Para mim, este poema abre uma porta e, quando pensava neste projecto a propósito de Dominique Bagouet, esta história das portas abertas vinha-me constantemente ao espírito – e pensava no olhar que pode ter sobre o mundo uma pessoa que está a morrer.

Originalmente, este projecto devia ser uma homenagem a Dominique Bagouet, mas preferiu estendê-lo aos anos 80. O que foi que o interessou nessa década?

Nos anos 80 eu trabalhava com Pina Bausch, como dramaturgo, mas também escrevia sobre a sida. Durante esse período, vi morrer um número considerável de jovens, amigos, desconhecidos e grandes artistas, pintores, actores, can-

tores, escritores, encenadores, bailarinos e coreógrafos, como Rudolf Nureyev ou Dominique Bagouet. No meu primeiro solo, *Meinwärts* (1994), um dos temas abordados era, claro, a sida. Continua a ser uma realidade nos países pobres, que não têm o mesmo acesso aos cuidados de saúde e aos medicamentos de que podem beneficiar as populações da Europa e dos Estados Unidos. Naqueles primeiros anos em que a morte atacava, tornei-me cada vez mais consciente do valor da vida e de que devíamos viver a nossa vida e ser felizes, porque ela podia acabar mais cedo do que previsto.

Entrevista a Agnès Izrine
Programa do espectáculo no Festival
Montpellier Danse 2010

*O coreógrafo Dominique Bagouet (1951/1992), nome cimeiro da dança contemporânea europeia, foi um dos protagonistas do movimento da Nova Dança Francesa e fundador do Centro Coreográfico de Montpellier.



© Rosa Frank

Um dos pontos de partida desta peça é a obra do coreógrafo Dominique Bagouet, que morreu vítima de sida em 1992. Quis abordá-la como uma homenagem, um elogio fúnebre?

Mais do que uma “homenagem”, a ideia era simplesmente o confronto com a obra – um pouco como tinha já feito com *O lago dos cisnes*, *A sacração da primavera* ou o *Bolero*... Há alguns anos, em Montpellier, assisti a uma projecção de filmes das peças de Bagouet que me tocaram muito. Tive o sentimento de estar a ver qualquer coisa que se perdeu na dança contemporânea. Um ano mais tarde, Jean-Paul Montanari (Director do Festival Montpellier Danse) perguntou-me se tinha vontade de fazer alguma coisa a partir daquele material. Tinha já uma intuição – conseguia imaginar um espectáculo que surgisse daquela emoção inicial. Este foi um ponto de partida para os ensaios: vimos muitos vídeos, com os bailarinos, para nos impregnarmos da atmosfera muito particular que sobressai nestas peças.

Na sua peça anterior, *Sans-titre*, que criou para (o coreógrafo e bailarino) Faustin Linyekula, um dos temas importantes era a questão da morte e do seu lugar para os vivos. Como é ela abordada em *Si muero, dejad el balcón abierto*?

A questão, creio, é a do desaparecimento: como olhar para ele, como o enfrentar, o aceitar; mas também como o tratar, dar-lhe um lugar? Algumas peças são para mim uma forma de me despedir de alguma coisa ou de alguém – de dizer adeus. No ano passado, morreram Pina Bausch e Merce Cunningham. No ano anterior, Maurice Béjart. Estavam

entre os maiores coreógrafos do século anterior. As suas obras tinham representado verdadeiras viragens. O que fazer com isso? E no caso de Pina há uma dimensão pessoal muito forte... Não chega dizer: “é preciso andar para a frente, é preciso continuar”. Sim, é preciso continuar, mas para isso é preciso primeiro dizer adeus. É necessário nomear o vazio antes de o preencher, de o substituir por outra coisa.

É esse o sentido desta “varanda aberta” presente no título? Ao mesmo tempo um adeus e a nomeação de um vazio?
Sim, mas o poema continua:

*Se eu morrer,
deixem a varanda aberta.
A criança come laranjas.
(Vejo-a da minha varanda)
O ceifeiro ceifa o trigo.
(Ouço-o da minha varanda)*

É também uma abertura para a vida, para as coisas simples da vida... E estas duas dimensões, a ausência e a simplicidade de um momento, de um detalhe, são indissociáveis.

Tem já uma ideia da relação que será instaurada entre as diferentes presenças em cena?

Penso que isso virá sobretudo do que vimos no trabalho de Bagouet. Por exemplo o facto de haver muito contacto entre os corpos. É também importante a harmonia que emana das suas peças. É uma noção importante quando se trabalha em grupo. Nesta peça haverá intérpretes com quem já trabalhei, e outros que são novos e se poderão integrar nesta harmonia. São bailarinos com uma boa formação – muitas

vezes uma formação clássica, porque as peças de Bagouet estão longe de serem fáceis tecnicamente. Podem alternar-se momentos de descontração, de jogo, com a passagem brusca para algo de muito técnico, muito complicado – sem se tornar, nunca, virtuoso. A necessidade de passar de uma coisa a outra exige uma grande técnica.

Através de Bagouet, é portanto um adeus mais vasto – a Pina Bausch, Cunningham, Béjart. Recordações que se misturam com o seu próprio trabalho...

Sim, mas o meu próprio trabalho intervém unicamente como fragmento, reminiscência. Não se trata de uma peça de 50 minutos. Será uma peça bastante longa, com pausas, paragens no tempo. E onde os textos, os fragmentos de texto, se repercutem uns nos outros. Textos que vêm de diferentes territórios: Guibert, Lorca, Emmanuel Bove, Goethe – um extracto de *Torquato Tasso*, Marguerite Duras.

Esses diferentes elementos irradiam de uma cor, de uma tonalidade?

Ainda estamos só no início dos ensaios. Mas os elementos combinam muito bem uns com os outros. Haverá mudanças de atmosfera, oscilação de sensações, de ritmo. Muitas cores – muito mais cores do que é habitual no meu trabalho. Bagouet trabalhava muito sobre os figurinos, é um aspecto plástico que tinha grande importância para ele. São frequentemente figurinos muito coloridos. Aliás, os figurinos eram sempre mencionados. “Figurinos: Dominique Fabrègue”. Para mim, a roupa que se usa em cena tem sempre um lugar impor-

tante – mas nesta peça ainda mais. Com uma passagem do negro para a cor.

Fala de uma passagem para a cor: sente que esta peça representa uma transformação no seu trabalho?

Para mim, nunca há verdadeiramente um corte. Cada peça inventa-se sobre as bases da anterior e das que a precederam. É por isso que, em *Si muero, dejad el balcón abierto*, se encontram alguns elementos de peças anteriores – como recordações que se misturam.

Entrevista de Gilles Amalvi (em Abril 2010, quando o espectáculo se encontrava ainda em criação) publicada no programa do espectáculo no Centre Georges Pompidou).

Pier Paolo Pasolini escreveu sobre lançar o corpo na luta. As suas palavras inspiraram-me para subir ao palco. As minhas outras fontes de inspiração foram a realidade à minha volta, o tempo em que vivo, as minhas memórias da história, as

pessoas, as imagens, os sentimentos, e o poder e a beleza da música, além do confronto com o próprio corpo que, no meu caso, não corresponde aos ideais convencionais de beleza. É importante ver corpos em cena que não corres-

pondem à norma – não só por razões históricas, mas também por causa dos desenvolvimentos actuais que estão a conduzir os seres humanos para um estatuto de objectos de *design*. Quanto ao sucesso: o importante é podermos

trabalhar e seguir o nosso caminho – com ou sem sucesso. O que faço é, simplesmente, o que tenho que fazer.
Raimund Hoghe





Raimund Hoghe

Raimund Hoghe nasceu em Wuppertal e começou a sua carreira a escrever, para o semanário alemão *Die Zeit*, retratos de personagens estranhos e celebridades, que posteriormente foram compilados em vários livros. Entre 1980 e 1990 foi dramaturgo do Tanztheater Wuppertal, de Pina Bausch, o que veio igualmente a dar origem a mais dois livros. Desde 1989 que cria as suas próprias peças para actores e bailarinos, e desde 1992 que mantém colaboração com o artista visual Luca Giacomo Schulte. Em 1994 criou o primeiro solo para si próprio, *Meinwärts*, apresentado na Culturgest em 1997, que, juntamente com os subsequentes *Chambre séparée* (1997) e *Another Dream* (2000), constitui uma trilogia sobre o século XX. Entre as suas criações seguintes, podem citar-se *Sarah, Vincent et moi* (2002), *Young People, Old Voices* (2002), que esteve na Culturgest em 2006, *Tanzgeschichten* (2003), *Sacre - The Rite of Spring* (2004), *Swan Lake, 4 Acts* (2005), na Culturgest em 2008, *36, Avenue Georges Mandel* (2007), *Boléro Variations* (2007),

L'Après-midi (2008), e *Sans-titre* (2009). Paralelamente ao seu percurso cénico, Raimund Hoghe tem trabalhado para televisão. Em 1997, para a televisão da Alemanha Ocidental, encena *Der Buckel*, um auto-retrato de 60 minutos. Recebeu o *Deutscher Produzentenpreis für Choreografie* (Prémio de Coreografia dos Produtores Alemães), em 2001, o Prémio da Crítica Francesa, em 2006, com *Swan Lake, 4 Acts*, na categoria de Melhor Espectáculo Estrangeiro e, no ano 2008, os críticos da revista *Ballet-tanz* consagraram-no Bailarino do Ano. É artista associado do Festival Montpellier Danse 2011.

www.raimundhoghe.com

© Antoine Tempé



Luca Giacomo Schulte

Luca Giacomo Schulte formou-se em Belas-Artes na Kunstakademie Düsseldorf/Münster (Alemanha). As suas instalações foram apresentadas em várias exposições na Alemanha, Portugal, Noruega, Suécia e Espanha. Tem em preparação duas exposições para o Verão e Outono de 2011 em França e na Polónia. Desde 1992 é colaborador artístico do coreógrafo

e bailarino Raimund Hoghe. Artista residente em Düsseldorf, está a preparar o seu primeiro trabalho longo de teatro, *Rosenzeit*. Como coreógrafo, o seu principal interesse é a ligação entre a dança e as artes visuais e a redefinição dos seus significados originais. Em 2011 estreará um novo projecto de dança, *Joseph*, com o bailarino afro-americano Joseph P. Cooksey.

www.lucaschulte.com



Ornella Balestra

Ornella Balestra estudou dança clássica na Royal Ballet School, de Londres, e no La Scala, de Milão. Foi solista do Ballet du Vingtième Siècle de Maurice Béjart. De regresso a Itália, continuou a trabalhar com coreógrafos italianos, apresentando-se nos maiores teatros e festivais do país. A sua carreira internacional beneficiou de um novo impulso quando começou a trabalhar com Raimund Hoghe: *Tanzgeschichten* (2003), *Swan Lake, 4 Acts* (2005), *Bolero Variations* (2007) e *Si muero dejad el balcón abierto* (2010), peças que têm sido apresentadas em todo o mundo.



Marion Ballester

Marion Ballester, formada pelo Centre National de Danse Contemporaine d'Angers, iniciou a sua carreira de bailarina em 1989 com *Les leçons de l'Aube*, de Dominique Petit. Trabalhou depois com Philippe Decouflé até 1992 e em 1993 passou a pertencer à companhia Rosas, de Anne-Teresa de Keersmaeker, de que se tornou uma das principais intérpretes. Entre 1992 e 1997 participou na criação das coreografias *Kynock* (1994), *Amor Constante mas alla de la Muerte* (1994), *La nuit transfigurée* (1994) e *Woud* (1996) e interpretou as obras do repertório da companhia Rosas *Mikrokosmos* e *Un moto di gioia*. Em 1998 decide criar as suas próprias obras (sob o nome de Compagnie AoXoA) e prosseguir paralelamente a carreira de intérprete e de professora independente, criando *Blue Mathematics* (1998), *Unconscious Landscape* (2000), *Continuum, fragmentation, convolvulus* (2000), *Intimez-moi* (2000), *Bord à Bord* (2002), *Neptune* (2003). Em 2002 e 2003 colabora com Anne-Teresa de Keersmaeker, respectivamente, na assistência à criação do

solo *Once* e na criação do dueto *Desh*. Em 2007, AoXoA produz *Trois solis pour Marion*, retratos criados em colaboração com Benoît Lachambre, Odile Duboc e Osman Khelili. Em 2010 Marion Ballester tem um encontro determinante com Raimund Hoghe, que lhe propõe juntar-se à equipa da criação de *Si muero dejad el balcón abierto*.



Astrid Bas

Astrid Bas estudou no Conservatoire National d'Art Dramatique de Paris e na École National de Strasbourg, onde trabalhou nomeadamente sob a direcção de Anatoli Vassiliev, Helene Vincent, Christophe Perton, Yves Beaunene, Georges Lavaudant, Bruno Bayen e Jean Marie Patte. Adaptou *O Amante*, de Marguerite Duras, que apresentou em Paris, Nova Iorque, Los Angeles e São Francisco com Ami Flammer, e interpretou a *Fedra*, de Racine, em hindu, no Festival de Delhi e depois em digressão pela Índia. Acaba de terminar dois espectáculos: *Macbeth Horror Suite*, segundo Carmelo Bene, com encenação de Georges Lavaudant, em que interpretou Lady Macbeth, e *A Tempestade*, de

Shakespeare, em que interpretou Ariel. Actualmente está a trabalhar em cinema, sob a direcção de Benoît Jacquot, em *Marie Bonaparte* e *Pas de scandale*, com Arnaud Viard e Shiri Tsur. Na televisão está a gravar *La marquise des ombres*, com realização de Edward Niermans, e *Accident de Parcours*, com realização de Patrick Volson.



Lorenzo De Brabandere

Lorenzo De Brabandere (1983) vive em Gent, na Bélgica. Tornou-se bailarino ao encontrar Raimund Hoghe em 2002 e tem participado em vários espectáculos da sua companhia, de que *Si muero dejad el balcón abierto* é o mais recente. Criou algumas peças, como *Harpya* (2005), *Orange* (2008) e *Return to a temporary Calm* (2010) e continua a desenvolver os seus próprios projectos.

Emmanuel Eggermont

Emmanuel Eggermont formou-se no Centre National de Danse Contemporaine d'Angers. Participou nas



criações de Cármen Werner em Madrid. Em 2002 foi convidado a intervir num projecto de dois anos na Coreia do Sul envolvendo pedagogia e coreografia. De regresso a França, tornou-se intérprete de Raimund Hoghe, nomeadamente em *Boléro Variations* e *L'Après-midi*. Desenvolve simultaneamente os seus próprios projectos com *L'anthraxite*, em Lille. Em 2011 criou a peça *T-Wall*.

www.lanthracite.org



Yutaka Takei

Yutaka Takei nasceu em 1975, em Fukuoka (Japão). Praticou, dos 12 aos 18 anos, ginástica rítmica e desportiva

de alta competição e depois estudou análise do movimento da Faculdade de Educação Física de Tsukuba. Descobriu a dança contemporânea com Hervé Robbe (V.O). Em 1997, integra o Centre National de Danse Contemporaine d'Angers em que participa nas criações de Joëlle Bouvier, Cármen Werner e Patrick Le Doare. Paralelamente inicia a sua carreira de coreógrafo, com a sua própria companhia, Forest Beats, criada em 2002. Trabalha com Karine saporta (*Phaëton* e *Cabaret Latin*) e com a companhia de Carolyn Carlson, com que colabora ainda hoje (*Light bringers*, *J. Beuys song*, *Tigers in the tea house*, e dois solos para si: *Mano ver mountain* e *Kan*). Trabalha igualmente com Raimund Hoghe, Nils Tavernier (realizador) e ainda Thibault de Montalembert e Thierry de Peretti (encenadores).



Takashi Ueno

Takashi Ueno nasceu em 1881, no Japão. Começou a estudar dança moderna aos 14 anos com Misako Nanbu. Em 2004 parte para Paris com uma bolsa de dois anos do governo japonês. Estuda

dança clássica, dança contemporânea e dança africana. Trabalha com diversos coreógrafos, como Paco Decina, Kimiho Hulbert, Saiko Kino e Raimund Hoghe.



Nabil Yahia-Aïssa

Nabil Yahia-Aïssa nasceu em 1975, em Argel. Vive actualmente em Paris, onde se instalou em 2001, depois de uma formação em dança clássica e em medicina, e onde seguiu estudos em osteopatia e uma licenciatura em artes do espectáculo. Trabalhou com Boris Charmatz em *Bocal* e *Levée des conflits* e tornou-se intérprete de Raimund Hoghe em várias peças: *Swan Lake*, *4 Acts*, *Bolero variations* (reposição) e *Si muero, dejad el balcón abierto*.

Próximo espectáculo

Daniel Levin Quartet

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Dom 27, Seg 28 Fevereiro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M12

Violoncelo Daniel Levin **Trompete** Nate Wooley
Vibrafone Matt Moran **Contrabaixo** Peter Bitenc

Por vezes, apenas a mudança de instrumentação num combo convencional é o suficiente para tocar uma música totalmente diferente. No caso do Daniel Levin Quartet desde logo se nota a inexistência de um *kit* de bateria, e se pensarmos que tal facto anuncia algum tipo de jazz de câmara, coloquemos as coisas a claro desde o início: não é verdade. E Levin ainda torna tudo mais complicado: definiu os papéis de cada interveniente na música – o trompetista Nate Wooley, o vibrafonista Matt Moran, o contrabaixista Peter Bitenc e ele próprio no violoncelo – com o exclusivo propósito de ignorar as predefinições estabelecidas. Assim sendo, não encontramos neste grupo uma secção rítmica formal e os dois instrumentos melódicos não estão necessariamente “à frente”. É necessário acompanhar os trajectos individuais no todo musical sem esperar encontrá-los



© Ariane Lopez-Huici

nos lugares habituais. Só assim é possível seguir o rasto das conversações desenvolvidas, bem como os pequenos jogos de tensão criados. Encontram-se reminiscências da *third stream*, do *cool* e do *free jazz* do início dos anos 1960, mas apenas como tijolos para a construção de uma música inteiramente do nosso tempo.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes
Produção
Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte estagiária

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
coordenador
Paulo Abrantes
chefe de áudio
Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe
Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
